

**A TRAJETÓRIA AMBIVALENTE
DE ÁLVARO CUNQUEIRO**
TOMADAS DE POSIÇÃO E
ATUAÇÕES NO SISTEMA
CULTURAL GALEGO E
ESPAÑHOL
(1950-1974)

Cristina Martínez Tejero

Grupo Galabra

Universidade de Santiago de Compostela

doi:10.17075/mucnoc.2014.014



As estratégias individuais de determinadas/os escritoras/es podem condicionar a orientación e estabilidade de um sistema, nomeadamente se este tem um carácter sub- e/ou proto-sistémico e, portanto, apresenta vulnerabilidade em elementos fortes que possam garantir a sua estabilidade, configuração e até existência¹. Casos como o galego na sua história contemporânea manifestam de maneira nítida esta situação; a carência dessa estabilidade, sem um aparelho estatal a sustentá-la, e sem que as pessoas promotoras do proto-sistema consigam fazer triunfar e universalizar as normas sistémicas que propõem (por exemplo, a sua definição linguística), deixam espaço a fissuras importantes.

De resto, um projecto sistémico, um proto-sistema, surge e enfrenta quase de regra, num espaço social em que atua como dominante um sistema consolidado cuja existência e funcionamento condiciona as ações proto-sistémicas, entre outras cousas, gerando alternativas sub-sistémicas, que não põem em causa, antes polo contrário, reforçam o sistema dominante e que funcionam de maneira ambígua em relação com o projecto proto-sistémico. A fraqueza não permite ou aconselha às pessoas promotoras que querem consolidar um sistema enfrentamentos frontais com tendências sub-sistémicas, mas antes negociações sistémicas e sistemáticas para integrar, re-situar, sobreviver, por meio de resiliências várias, essas fórmulas. A prática bilíngue ou, até, exclusivamente na língua do sistema dominante, de escritores e escritoras de origem e/ou morada no espaço social que define o proto-sistema como próprio, com temáticas vinculadas a esse espaço, etc., constitui um dos problemas fundamentais que enfrentam as pessoas promotoras ou agentes em geral proto-sistémicos. No caso galego, e no quadro do franquismo surgido da guerra civil e repressão de 1936-1939, isto dito toma feições mais complexas ainda: as tomadas de posição numa ou outra língua ficam na ambiguidade própria de muitas ações proto-sistémicas, sem aparecerem, de

1 Ao longo deste texto, serão de uso recorrente as noções *tendências proto- e subsistémicas* introduzidas por Torres Feijó (2004) e orientadas a explicitar e oferecer alternativas às deficiências dos quadros metodológicos da teoria dos poli-sistemas e de campo para casos de emergência literária. Ante a impossibilidade para desenvolver com toda a sua complexidade estas referências nestas páginas, remeto para o artigo citado.

maneira nítida, como vinculadas a essa tendência ou à sub-sistémica. Questões derivadas procurariam a justificação desse modo de atuação: se ela funciona ambigualmente por causa do quadro político-cultural dominante (alimentando a *esperança proto-sistémica* de uma prática diferente caso as condições mudarem ou por própria determinação da estratégia individual e/ou coletiva da pessoa produtora e o eventual grupo em que se integra); se essa pessoa é vista como *traidora* à causa; se se trata de uma resiliência proto-sistémica ou se age com base no *já se verá*.

Se a posição canónica de Álvaro Cunqueiro é inquestionável no sistema cultural galego no momento atual (a celebração do *Ano Cunqueiro* neste 2011 é prova inequívoca), não é menos certo que este é um autor reivindicado também desde o sistema literário espanhol, onde é valorizado como renovador da prosa de após-guerra graças ao seu cultivo do realismo mágico/fantástico. Na página de homenagem a este autor do Centro Virtual Cervantes, entre cujos «monográficos dedicados a autores relevantes de las letras en lengua española»² figura o destinado ao escritor mindoniense, aparece a seguinte apresentação (carregados meus)³:

Escritor español nacido en Galicia, Álvaro Cunqueiro (1911-1981) ejerció en gallego y en castellano el periodismo y las artes literarias en sus más variadas formas: fue poeta, novelista, dramaturgo, guionista... Premio Nadal en 1968 por su novela *El hombre que se parecía a Orestes*, es, sin duda, uno de los mejores cultivadores del realismo fantástico en España.

Con este espacio, el Centro Virtual Cervantes desea rendir un homenaje a la obra de Álvaro Cunqueiro, uno de los más grandes escritores en las lenguas española y gallega, que dejó tras sí una dilatada obra, plagada de los más recónditos saberes y erudiciones.

2 Acessível em <http://cvc.cervantes.es/literatura/escritores/default.htm> (última consulta, 12.07.2011).

3 Acessível em <http://cvc.cervantes.es/actcult/cunqueiro/default.htm> (última consulta, 12.07.2011). É oportuno indicar que este protagonismo concedido a personalidades representativas das culturas desenvolvidas em línguas diferentes do castelhano (galego, catalão ou eusquera) dentro de plataformas institucionais do Governo espanhol (entre as quais, o Centro Cervantes se situa num lugar privilegiado) responde –em traços largos– a uma estratégia política utilizada de forma preponderante pelo partido hegemónico do comumente considerado centro-esquerda (PSOE, Partido Socialista Obrero Español) para projetar uma imagem duma Espanha plural e aberta às reivindicações de carácter autonómico, face à ideologia mais centralista e unificadora defendida pela direita (representada principalmente pelo Partido Popular, PP).

Estas linhas pretendem chamar a atenção para a relação conflituosa entre o sistema literário galego e espanhol, assim como as problemáticas que, desde este ponto de vista, implicam as pessoas escritoras de produção bilíngue. Com este pano de fundo, este relatório está orientado a deitar luz sobre os diferentes mecanismos e estratégias de atuação que Álvaro Cunqueiro desenvolve nos dous sistemas, numa etapa restrita da sua trajetória, a correspondente com o período 1950-1974⁴. Quero incidir na focagem eleita que se situa como nova em relação a perspectivas devedoras dos estudos literários tradicionais marcados pola definição do objeto de estudo dentro dos limites das literaturas nacionais (com a língua como um dos elementos de seleção por excelência para estes construtos). Se os desenvolvimentos teóricos realizados polo sociólogo francês Pierre Bourdieu (particularmente 1991, 1992) são especialmente adequados para o estudo da trajetória de agentes nos campos culturais, as deficiências das suas propostas para o estudo de campos/sistemas não consolidados podem tentar ser superados mediante a combinação com a teoria dos poli-sistemas de I. Even-Zohar (2005, 2007), mais atenta a situações de conflito e coexistência de sistemas.

Por outra parte, o núcleo das informações com que trabalhei tem uma dupla procedência: duma parte, foi tomado em consideração o jornal *Faro de Vigo* durante o triénio 1968-1970 sobre o que se realizou um levantamento exaustivo e sistemático mediante a consulta da totalidade de números editados nesses anos⁵; por outra, e com o fim de completar os dados relativos ao período delimitado,

4 O corte cronológico eleito engloba em si o período do chamado tardofranquismo, o qual –junto com a etapa da (conhecida como) transição democrática– vem sendo estudado nos últimos tempos, duma perspectiva cultural, pola equipa do projeto Fisempoga [*Fabricação e socialização de ideias num sistema emergente durante un período de mudança política: Galiza, 1968-1982*. Projeto financiado polo Ministerio de Ciencia y Tecnología do Governo espanhol, código FFI2008-05335], em que esta comunicação se insere. O protagonismo concedido a este período surge a partir da hipótese sobre a importância que as configurações feitas na altura têm no desenvolvimento posterior da comunidade galega e cujas heranças são verificáveis no momento atual.

5 O período definido, 1968-70, corresponde-se com os números 40978-42909. O *Faro de Vigo* é um jornal galego de informação geral que se publica diariamente, exceto nas segundas-feiras (conforme o estabelecido polo quadro legal), e cuja propriedade está nas mãos da empresa editora Faro de Vigo S. A., sendo a família Lema a possuidora maioritária das ações. Durante estes anos, a direção está ocupada até o 15 de julho de 1970 por Álvaro Cunqueiro, que conta com José Landeira Yrago como subdiretor e, a partir dessa data, por Manuel Santaella. O preço do jornal é marcado por lei e, neste altura, situa-se em 3 pesetas (4 pesetas para os exemplares dominicais), aumentando numa peseta a partir do 12 de maio do 70. Quanto à sua difusão, o *Faro de Vigo* é o segundo jornal galego, só superado nestes momentos por *La*

foram objeto de atenção especialmente os estudos de Armesto Faginas (1987) e Santos Cobo (2003); não obstante, e com o fim de alcançar os objetivos procurados, incorporaram-se igualmente outras informações percebidas como relevantes e cuja origem será oportunamente indicada neste texto.

Na década de sessenta, Álvaro Cunqueiro superou já plenamente a etapa de ostracismo que o levava a recluir-se no seu Mondonhedeo natal a finais dos anos 40 após uma trajetória de sucesso no Madrid da imediata pós-guerra –num ambiente próximo ao novo regime franquista– e um episódio não de todo esclarecido na embaixada francesa que o leva a perder o seu cartão de jornalista até 1962 (Armesto Faginas, 1987; Santos Cobo, 2003). O reconhecimento existente cara à sua pessoa supera os ambientes estritamente intelectuais, feito que se justifica pela sua ampla presença pública. De forma genérica, podemos identificar três linhas força que contribuirão para a reabilitação da sua figura desde a década de 50 e a dotá-lo dum elevado capital simbólico: o seu protagonismo no jornal *Faro de Vigo*; a sua atualidade no campo literário/cultural e a sua participação em eventos de diverso tipo. Se bem seja objeto duma explicação mais demorada posteriormente, é conveniente adiantar aqui que o grupo Galaxia vai contribuir de forma importante a todos estes efeitos.

Cunqueiro publicou ocasionalmente artigos nas páginas do *Faro de Vigo* desde os anos 50, mas será em 1961 quando entre, graças à ação do notário Alberto Casal Rivas (daquela secretário do conselho de administração da empresa), a fazer parte do quadro de pessoal do jornal com o cargo de colaborador fixo. Passará no ano seguinte a ocupar o posto de redator e, em 1964, o de subdiretor, chegando à direção em novembro desse mesmo ano e abandonando-a em junho de

Voz de Galicia e concentrando o seu público de forma privilegiada nas províncias do sul. A sua tiragem aumenta, aliás, durante este período, passando dos 37561 exemplares diários em janeiro 1968 a 40657 em abril de 1970.

Quero aproveitar esta anotação para destacar, duma parte, a importância que a imprensa –dentro das limitações e características colocadas por diversos estudos teóricos sobre os meios (veja-se, por exemplo, De Fleur e Ball-Rokeach (1986), Van Dijk (1990), Vasilachis de Gialdino (1997) ou Nilkas Luhmann (2000))– pode ter para o estudo de sistemas culturais (em situação de emergência, particularmente) ao proporcionar informação em tempo real e não intermediada sobre os acontecimentos que têm lugar no próprio sistema. Por último, é necessário explicitar que, no uso feito dos conteúdos do *Faro de Vigo* e pelas características deste relatório, prescindirá-se –a exceção das citações diretas– de dar a referência completa do exemplar e número de página.

1970. Durante este período ocupará também o posto diretivo das outras duas publicações da casa: a revista *Vida Gallega* e, a partir de 1968, do semanário *Faro Deportivo*. O escritor mindoniense encarrega-se especialmente da confecção das páginas de reportagens e artigos, além da secção de cultura «Letras», que realiza em colaboração com Fernández del Riego, para a informação sobre literatura galega, e com Landeira Yrago, nas de conteúdos em castelhano⁶. No momento do abandono voluntário do seu cargo, fica comprometido a continuar elaborando a página cultural dos domingos e a escrever cada mês um número indeterminado das suas colunas da contracapa, sob a epígrafe de «El envés⁷». Além disto, o seguimento que desde as páginas do jornal é realizado sobre a sua figura é mui intenso, dando conta das suas participações na vida pública o que contribui, mais uma vez, para torná-lo conhecido entre o público deste meio.

A etapa do pré-guerra está marcada, no relativo à produção *cunqueirá*, polo cultivo da lírica, escolha que mantém para a sua reincorporação à escrita em galego nas proximidades do decénio de 50. Será, não obstante, o género narrativo (na sua versão longa ou curta) o que predomine na sua obra posterior –junto com a edição dalguma peça dramática– feitos que não devem ser deslindados do escasso número de livros com estas características nessa altura. O qualificativo de narrador será, portanto, o que defina a Cunqueiro a partir da saída do prelo do seu reconhecido *Merlín e familia* (1955, novela), ao que seguirão *As crónicas do Sochantre* (1956, romance), *O incerto señor don Hamlet, príncipe de Dinamarca* (1959, teatro), *Escola de menciñeiros e fábula de varia xente* (1960, relatos), *Si o vello Sinbad volvese ás illas* (1961, romance), *Xente de aquí e de acolá* (1971, relatos) e *Palabras de vispera* (1974, teatro)⁸. Para avaliar a importância da sua obra

6 Cunqueiro utiliza habitualmente o pseudónimo Manuel M^a Seoane para assinar as traduções para o galego feitas neste suplemento cultural e o de Patricio Mor para publicar artigos críticos realizados, como no caso anterior, habitualmente em galego e sobre literaturas pouco conhecidas. De feito, o interesse por introduzir outras culturas –particularmente europeias– e possibilitar a sincronização do sistema cultural galego vai ser objeto dum labor sistemático realizado por Del Riego e Cunqueiro nas páginas deste jornal.

7 Durante o ano 68, estas colunas aparecem também com os títulos «Correo sin fecha» e «A vuelta de hoja». Todas elas, de que a maior parte estão escritas em castelhano, estão caracterizadas polas temáticas eruditas e as referências culturais alheias, em ocasiões traçadas desde uma perspectiva pessoal e em que não consta, em todo caso, nenhum pronunciamento sobre acontecimentos de atualidade.

8 Estas referências limitam-se às obras que considero mais representativas com base em critérios de importância editorial (publicação em livro, por exemplo) e concentra-se apenas no período que vai desde a publicação de *Merlín e familia* até meados da década de 70, em consonância com o objeto de estudo

—particularmente das publicacións iniciais— numa fase em que o espaço dos possíveis para a produción em galego é certamente reducido, recollo na continuación uma citação do próprio autor mindoniense que deve, não obstante, ser recebida com precaución em base às distorções que os agentes têm à hora de valorizar a sua própria trajetória: «Pero cando se veu que as cousas podían marchar foi cando saíu o meu Merlín e os meus Menciñeiros, e se venderon, e se falou deles e entón, empezaron a saír outros libros por todas partes e supoño que sería cando os que rixen Galicia se decataron de que tiñan nas mans un gran instrumento esencial pro desenrolo da cultura galega». (Porteiro e Perozo, 1980).



Fig. 1 Cunqueiro no sistema cultural galego 1950-74 (elaboración propia)

De forma paralela a esta produción literária, Cunqueiro vai conquistando progressivamente mais espazos no precário campo cultural⁹ da altura, como prova a sua entrada em 1963 na Real Academia Galega, plataforma institucional de referència e cujo capital simbólico asociado fica evidenciado polas constantes

definido neste relatório. Quero insistir nesta não pretensão de exaustividade e na necessidade de somar, além da produción em espanhol que será focada posteriormente, outros textos como: *Maside* (Galaxia, 1954, temática artística), *Cantiga nova que se chama riveira* (Monterrey, 1957, poesía, reedição), *Tesouros novos e vellos* (Galaxia, 1964, edição do seu discurso de ingresso na Real Academia Galega), «A noite vai coma un río» (1965, revista *Grial*, teatro), *A cocina galega* (Galaxia, 1973, gastronomia) ou, já fora do quadro temporal definido, *Os outros feirantes* (Galaxia, 1979, relatos), entre outros (fonte: <http://cvc.cervantes.es/actcult/cunqueiro/bibliografia.htm>, última consulta 14.07.2011).

9 Sou consciente das dificultades para falar nesta altura de campo ou sistema literário/cultural dadas as deficiências existentes na sua configuração e que nos deveria obrigar a referir, por exemplo, processos de emergência. Apesar disto e em base a critérios pragmáticos, serão estas as fórmulas empregues neste artigo; fique esta anotação como advertência do seu uso pouco rigoroso.

alusões localizadas nas páginas do *Faro de Vigo* à hora de mencionar agentes com alguma vinculação a ela. É possível, aliás, acrescentar a sua abundante presença pública entre 1968-70, por exemplo, como *mantenedor* em certames literários (Festas Minervais, Fiesta de la mimosa, etc.); o seu labor como conferencista em entidades como o Círculo Mercantil de Vigo, a Asociación Cultural Iberoamericana e o Instituto Médico-Quirúrgico da Corunha, entre outros; a sua participação em cursos de língua e cultura espanhola como o promovido pola universidade compostelana na etapa estival e destinado a pessoas estrangeiras; a sua visita aos centros galegos de Venezuela e Buenos Aires; e, inclusive, a sua assistência como figura com projeção pública a festividades várias, habitualmente de carácter gastronómico (Fiesta de la Perla de Arosa, Feria-Exposición de Vinos del Ribeiro...) mas não só (Fiesta Venezolana de Vigo ou um ato dum concessionário de carros). Nesta mesma tendência é possível enquadrar as distintas vertentes de difusão da sua obra, mediante a encenação da sua revisão do mito de Hamlet, por exemplo, no «Festival Internacional de Teatro Universitario» da Universidad de Santiago ou a adaptação musical de poemas da sua autoria por parte da Coral Polifónica do Porrinho, assim como os gravados nos discos *Galicia na sua música*¹⁰.

Tal e como já foi colocado em linhas prévias, será o grupo surgido à volta da editorial Galaxia, nascida precisamente com a década de 50, o que impulsionará de forma definitiva a carreira de Cunqueiro (também de outros intelectuais, como Carvalho Calero), em primeiro lugar, mediante a sua reincorporação à escrita em galego, graças principalmente ao labor de Fernández del Riego, quem se encarre-

10 Podemos somar a estas referências outra faceta bastante prolífica deste autor: a produção bibliográfica destinada à divulgação sobretudo no âmbito espanhol (ainda que também galego) daqueles elementos da Galiza suscetíveis de serem reclamo turístico (tudo isto com o pano de fundo da explosão deste setor na economia dos últimos anos do franquismo). A modo de exemplo, é possível referir os seguintes: *Vigo, puerta del Atlántico* (Ayuntamiento de Vigo, 1957); *Teatro venatorio y coquinario gallego* (escrito com J. M.^a Castroviejo, Monterrey, 1958); *Viaje por los montes y chimeneas de Galicia. Caza y cocinas gallegas* (escrito com J. M.^a Castroviejo, Espasa-Calpe, 1962); *Rutas de España: La Coruña, Lugo, Orense y Santiago* (Publicaciones españolas, 1962); *Pesca y conservas. Itinerarios turístico-gastronómicos de la provincia de Pontevedra* (escrito com G. Massó, Diputación de Pontevedra, 1964); *El Camino de Santiago* (imprensa Faro de Vigo, 1965); *Lugo* (Everest, 1968); *Pontevedra, Rías Bajas* (Everest, 1969); *La cocina cristiana de Occidente* (Táber, 1969); *Rías Bajas gallegas* (Everest, 1971); *Vigo y su Ría* (Everest, 1971); *A cocina galega* (Galaxia, 1973); *Monumentos y lugares más representativos de la comarca eumesa* (Ayuntamiento de Puentedeume, 1977) (fonte: <http://cvc.cervantes.es/actcult/cunqueiro/bibliografia.htm>, última consulta 14.07.2011).

gará de conseguir-lhe espaços onde publicar colaborações (com as consequentes retribuições económicas) e incentivará o seu labor literário, de que resulta o já referido *Merlín e familia* (Fernández del Riego, 1996: 133, 146, 194-5). Além disto, Galaxia será a casa editora de praticamente toda a produção de Cunqueiro em galego a partir desta altura e este grupo é o responsável da sua entrada na Real Academia Galega¹¹. Como retribuição, pode ser apontada a notável presença e cobertura informativa que a produção editorial deste grupo e a atividade dos seus agentes vai ter no *Faro de Vigo*, particularmente na já referida secção cultural «Letras», onde é habitual a presença de colunas da autoria de Fernández del Riego (quem publica mais ocasionalmente também contributos deste tipo na contracapa do jornal). Todo isto não é alheio ao papel chave que representa Galaxia no panorama cultural galego de grande parte da década de 50 (situação que muda nos 60), ao erigir-se no principal actante dentro do processo de construção do sistema e ser responsável pola maior parte das configurações feitas nele e sobre ele. Neste sentido, e voltando a Cunqueiro, cabe destacar a operação de valorização e configuração do capital cultural do agente mindoniense desde as plataformas do grupo, feito propiciado polos elementos repertoriais de que faz uso este autor, como a aposta pola narrativa, a fantasia, o uso e apelo para a imaginação, a presença de elementos populares, a reinterpretación de mitos abordados polo galeguismo do pré-guerra, a erudição, as importações interculturais, etc.¹². Não

11 O grupo Galaxia desenvolve desde uma fase mui inicial da sua conformação uma estratégia de conquista desta instituição, valorada por eles como fundamental no sistema –pelo seu carácter de instituição legal e, pola sua natureza, potencial legitimadora das tendências que o grupo quer introduzir– e cuja atuação nestes anos (em castelhano e promovendo repertórios espanholistas ou folclorizantes) é considerada, por este mesmo grupo, uma traição aos princípios em que foi criada.

Entre os pontos essenciais deste plano para fazer-se com o controlo desta entidade e multiplicar a sua capacidade de intervenção no sistema, figura uma entrada progressiva –graças ao processo de eleição mediante cooptação– de académicos pertencentes ou próximos a Galaxia, entre eles, Álvaro Cunqueiro quem, como já foi indicado, entra em 1963 nesta instituição (sendo aprovado o seu ingresso dous anos antes). O seu nome foi proposto por Ricardo Carvalho (na altura *Carballo*) Calero, Domingo García-Sabell, Aquilino Iglesia Alvariño e Ramón Otero Pedrayo, respondendo ao seu discurso, Francisco Fernández del Riego, a quem une uma relação de amizade (fonte: www.realacademiagalega.org/, última consulta 14.07.11).

12 Em relação a isto, não quero deixar de referir a interpretação crítica feita por Manuel Forcadela (2005) baseada principalmente no diálogo estabelecido entre Piñeiro e Cunqueiro no após-guerra com momentos chave nos textos «Carta a Álvaro Cunqueiro, trovador galego, falándolle dos males presentes de Europa e do seu remedio, dende a ladeira dun castro lugués» (em *Cadernos Grial*, 3, 1951) e «Imaxinación e

deixa de ser significativa a predileção de Ramón Piñeiro, homem forte de Galaxia e responsável por muitas das formulações do grupo, pola narrativa de Cunqueiro e Fole, admiração expressa em termos altamente elogiosos, por exemplo, no epistolário a Basilio Losada: «o mellor escritor que temos hoxe en língoa galega [...] unha das personalidades máis interesantes e máis extraordinarias da Galicia contemporánea» (Piñeiro e Losada, 2009: 742)¹³.

Se, desde o seu desterro à Galiza em 1947, Cunqueiro concentra a sua atividade de forma preferente no sistema galego (é oportuno lembrar que, desde a perda do seu cartão de jornalista, a sua trajetória no âmbito espanhol fica obscurecida até o ponto de publicar sob pseudónimo no jornal Madrid), esta situação começará a mudar progressivamente de forma paralela à sua consagração no campo cultural galego. Ao analisar a sua produção literária é possível detetar a reutilização dos seus materiais mais relevantes no sistema espanhol mediante auto-traduzões feitas num período curto de tempo que, inclusive, vai diminuindo a cada nova edição (*Merlín e familia*, 1955 edição em galego, 1957 edição em espanhol; As crónicas de Sochantre, 1956 edição em galego, 1959 edição em espanhol; Si o vello Sinbad volvese ás illas, 1961 edição em galego, 1962 edição em espanhol)¹⁴, informação que é necessário completar com os quatro romances escritos diretamente em castelhano (*Las mocedades de Ulises*, 1960; *Un hombre que se parecía a Orestes*, 1969; *Vida y fugas de Fanto Fantini della Gherardesca*, 1972; *El año del cometa con la batalla de los cuatro reyes*, 1974). A década de 60 corresponde, portanto, com o regresso de Cunqueiro ao espaço público vinculado ao sistema espanhol, feito propiciado sobretudo polos galardões recebidos pola sua obra: em 1960 obtém o Premio de la Crítica –estabelecido desde 1956 pola Asociación Española de Críticos Literarios, sem dotação económica e concedido anualmente

creación. (Notas para unha conferencia)» (em *Grial*, 1, 1963). Segundo o professor viguês, Piñeiro, além de proclamar no texto da sua autoria –o primeiro dos referidos– o fim da etapa falangista de Cunqueiro e o seu regresso ao grupo galeguista, traça nele as linhas definidoras da narrativa do escritor mindonense, mediante a proposição dumas chaves que se converterão nos elementos centrais do conhecido como «realismo mágico».

13 Em datas posteriores, Piñeiro aludirà também ao «fermosísimo» livro *Xente de aquí e de acolá*, que qualifica como «unha verdadeira xoia de gracia imaxinativa», face a opinião mais reservada de Losada (Piñeiro e Losada, 2009: 872-73).

14 Numa etapa posterior, localizamos este mesmo procedimento com uma nova edição em espanhol de textos total ou parcialmente publicados com anterioridade em galego em *La otra gente* (1975) e *Tertulia de boticas y escuela de curanderos* (1976).

aos considerados melhores livros publicados em narrativa e poesia— pola versão em castelhana d’As crónicas do Sochantre¹⁵; seis anos depois recebe o Conde de Godó de Periodismo e em 1968 o Premio Nadal de Novela por *Un hombre que se parecía a Orestes* (publicada no ano seguinte por Destino). Será este reconhecimento o que o catapulte de forma definitiva à atualidade do sistema espanhol, prova do qual são as reedições feitas da sua obra: em 1968 sai do prelo o volume *Flores del año mil y pico de ave* (que reúne as suas narrações publicadas na década de 40 *El caballero, la muerte y el diablo, Los siete cuentos de otoño, San Gonzalo, Baladas de las damas del tiempo pasado e La historia del caballero Rafael*); nos dois anos seguintes Destino —editora que concede o Premio Nadal— reedita, aliás, *Merlín y familia* (1969) e *Las mocedades de Ulises* (1970)¹⁶. É pertinente somar as obras saídas também nesta altura na editorial Táber e resultantes da compilação de parte dos seus artigos em imprensa e publicações periódicas (particularmente a revista barcelonesa Destino e o próprio Faro de Vigo): *El envés* (1969), *El descanso del camellero* (1970) e *Laberinto y Cía* (1970), dados aos que podemos acrescentar, por exemplo, a encenação da sua peça —originariamente em galego— *La noche va como un río*, no Teatro de Cámara de Madrid ou a sua categoria de membro da Hispanic Society of América (de Nova Iorque), junto com os rumores constantes para a sua possível eleição como académico de número da Real Academia Española de la Lengua (Armesto Faginas, 1987: 15, 233)¹⁷.

15 Os Premios de la Crítica abrem-se desde 1976 às restantes línguas oficiais do Estado, obtendo Cunqueiro novamente este galardão em 1979, desta vez por uma obra em galego, *Os outros feirantes*.

16 Se aludíamos em páginas prévias à estreita relação no âmbito galego de Cunqueiro com o grupo Galaxia, faz-se oportuno chamar também aqui a atenção para os seus contatos com o mundo catalão, onde nesta altura se concentra, aliás, de forma preferente a indústria editorial espanhola. O escritor mindoniense publica habitualmente na revista *Destino* (vinculada ao grupo editor do mesmo nome) e com cujo diretor entre 1958-75, Néstor Luján, mantém uma relação de amizade.

17 É possível insistir, aliás, na informação colocada na nota de rodapé número 9 e apontar a maior presença de Cunqueiro no sistema espanhol através destes materiais de caráter turístico, embora coloquemos como hipótese mais provável os rendimentos económicos dedutíveis por estes trabalhos. Não obstante, faz-se pertinente destacar o volume desta produção alcançando em quatro anos (1968-1971) os cinco livros impressos.



Fig. 1 Cunqueiro no sistema cultural español 1950-74 (elaboração própria)

Quero recuperar o conceito de ambivalência colocado no título desta comunicação e com o que pretendo fazer referência à atuação consciente de Cunqueiro em dous sistemas de forma simultânea, polo que poderíamos qualificá-lo de agente bissistémico¹⁸. Tal e como foi possível observar, o autor de *Merlín e familia* rentabiliza os produtos destinados ao público galego também no sistema español e os sucessos alcançados neste último têm um efeito direto e retroativo no primeiro. Este feito manifesta-se de forma especialmente evidente no caso do já referido Premio Nadal, a partir do qual Cunqueiro recebe múltiplas amostras de home-

18 Recolho o conceito de *ambivalente* de Zohar Shavit (1999: 158-151) –quem o toma do teórico da semiótica I. Lotman (1977)– e com o que faz referência a textos com várias posições no mesmo sistema literário, mais em concreto e aplicando-o à literatura infantil, a obras que são lidas de forma simultânea mas diferente por crianças e adultos, isto é, têm um funcionamento distintivo segundo o público. Considero que é possível alargar este conceito para caracterizar o comportamento de agentes que atuam sincronicamente em vários sistemas e com distintas localizações e funções em cada um deles.

nagem nos campos culturais galegos, entre eles, um ato de agentes intelectuais em Ponte-Vedra, a Insignia de Ouro da Hermandad Gallega de Venezuela (aglutinante do Centro Gallego, a Casa de Galicia e Lar Gallego), um ato no Centro Galego de Barcelona, etc. O que está em jogo aqui é a diferente entidade dos dous sistemas: entanto o espanhol se caracteriza pola sua solidez, prestígio, hegemonia, apoio institucional e governativo, presença em todo o território administrativo, etc.; o sistema galego encontra-se em processo de autonomização, estando marcado pola sua precariedade, a falta de estabilidade, dificuldades económicas e perseguição política, âmbito de atuação restrito (inclusive dentro do território da Galiza) e, sem dúvida, sem os graus de capital simbólico e cultural que circulam no sistema espanhol (é possível, aliás, colocar uma hipótese sobre a importância também dos capitais económicos em jogo que permitiriam a Cunqueiro deixar o seu trabalho como diretor do Faro de Vigo e dedicar-se de forma profissional à escrita).

Para perceber em toda a sua dimensão as questões aqui enunciadas, tenho interesse em manifestar a visão transmitida desde as páginas do jornal Faro de Vigo (pola sua própria entidade, instituição partícipe em ambos sistemas e que chega a um segmento alargado da população, contribuindo para construir a opinião pública); nelas, a participação de Cunqueiro –da maneira complexa e ambígua que já referi– nesses dous sistemas não é colocado como algo conflituoso; a sua produção bilíngue de Cunqueiro é valorizada e colocada –ela e o seu autor– com a função de representante em Espanha da cultura galega; e, igualmente –e na consideração de uma cultura específica menor integrada numa cultural geral maior (galega e espanhola respetivamente)– sendo tomados em especial consideração os potenciais de universalidade implícitos na sua obra em castelhano, também como benefício para a cultura galega¹⁹. Esta visão, porém, não é partilhada por todos os elementos ativos nos campos culturais do espaço social galego, particularmente por parte dos agentes mais interessados na construção dum sistema galego diferenciado do espanhol; estes, por exemplo, vão mostrar uma atitude de desconfiança ante a consecução por parte de Cunqueiro do Premio Nadal, tal e

19 O rasgo da universalidade é colocado também como associado a outro produtor de origem galega mas escrita em castelhano, Valle-Inclán, quem, desde estas páginas, é apresentado como um autor *próprio* de entidade internacional, entanto que Rosalía –apesar de ter obra também nos dous idiomas– é associada simplesmente à Galiza, em base à sua função como representante paradigmática da escrita em galego.

como fica patente nestas declarações privadas de Basilio Losada a Piñeiro (Piñeiro e Losada, 2009: 736, 751): «por máis que esto non vai facer máis que ilo apartando cada vez máis da literatura galega» e «O que temo é que a súa canonización na literatura castelán poida apartalo da creación en galego»; ou a reivindicação implícita contida no título da palestra que X. L. Méndez Ferrín pronuncia pouco depois da concessão do galardão no curso de língua e literatura galegas da Asociación Cultural de Vigo: «Álvaro Cunqueiro: escritor galego». O capital simbólico e cultural de Cunqueiro era visto como uma tripla ameaça: de perda de um agente importante e, ao mesmo tempo, de exemplo não desejado para outras pessoas intervenientes no sistema; também como amostra da inviabilidade de um sistema autónomo ou a aposta/procura de uma situação sub-sistémica.

As necessidades ou desejos que veiculam, tomadas de posições bilingues como a de Cunqueiro, têm também efeitos na própria estratégia ou programa declarado polo autor: é plausível esperar uma justificação harmoniosa e não conflituosa dessas tomadas de posição por parte dele, pois o contrário, ou poderia levá-lo a um conflito importante nos campos culturais ou ainda no espaço social em que se move (e, até com consequências repressivas sobre a sua pessoa, sobretudo tomando em conta a sua trajectória galeguista prévia), ou o configuraria como pessoa de pouco crédito ou, ainda, como traidora ou entreguista, por exemplo. A ideia de ambivalência fica reafirmada pola atuação ambígua de Cunqueiro no espaço social galego onde, por uma parte, participa das iniciativas tendentes a conformarem um sistema galego autónomo e, por outra, desenvolve práticas vinculadas diretamente ao sistema espanhol ou promove linhas de atuação que não favorecem a progressão dum eventual sistema galego. De forma geral, e tal e como foi anotado, Cunqueiro situa-se na órbita dum dos principais núcleos ativos na implementação dum sistema próprio, Galaxia, de que alcança uma certa independência em virtude da sua posição altamente consolidada (a consolidação implica também recursos e possibilidades de atuação, polo que podemos deduzir que, sem que haja um distanciamento total, o autor mindoniense não necessita usufruir tanto os apoios e as redes deste grupo a partir da década de 60 e produz-se um fenómeno de ligeira desvinculação a ele, ajudado pola própria perda de Galaxia da sua entidade como centro inquestionável do sistema). Essa posição ambígua de Cunqueiro situa-se do mesmo modo num quadro de situação coevo onde autores destacados do galeguismo realizam tomadas de posição bilingues,

que diferem nos diversos estados de campos em que são promovidas mas ficando essa diferença apagada pelo valor simbólico da língua utilizada em relação com o projecto proto-sistémico: é o caso de agentes destacados da altura, como Dieste ou Blanco-Amor, todos eles com uma certa proximidade a Galaxia –também a outros grupos– e com uma trajetória marcada pela produção bilíngue, se bem no caso destes dous últimos com um impacto notável da sua residência durante muitos anos em América.

Além da participação de Cunqueiro em atividades promovidas pelo Governo espanhol, como as conhecidas «Semanas Culturales de la Primavera²⁰», é pertinente deter-se aqui num feito que simboliza os seus posicionamentos hesitantes: a eleição de Trapero Pardo como membro da Real Academia Galega²¹. A atividade do autor de Merlín e família, após a sua entrada nesta instituição, é mais bem escassa: apenas temos conhecimento da sua participação na homenagem a Noriega Varela em Mondonhede em maio de 1969 e do seu escasso interesse polos trabalhos de carácter mais administrativo/intendente²². Não obstante, será um dos maiores adais na campanha para que Trapero Pardo ganhe a votação que lhe facilite o ingresso na academia, sendo, aliás, o encarregado de responder ao seu discurso (ato simbólico que estabelece também a proximidade entre agentes), além de participar ativamente numa homenagem que se lhe tributa igualmente em 1970. Trapero está vinculado desde a sua juventude com Cunqueiro e ocupa nesta altura tanto a direção do jornal luguês *El Progreso* como a presidência da Comisión Provincial de Monumentos; ele é, portanto, um agente próximo à ofi-

20 Sob este rótulo, enquadravam-se uma série de atividades artísticas (artes plásticas, cinema, letras, música, teatro e conferências) estruturada em jornadas diárias que eram celebradas em distintas localidades, com organização da Dirección General de Cultura Popular y Espectáculos (por sua vez dependente do Ministerio de Información y Turismo). Entre os diversos agentes participantes, podemos referir para o caso galego, ademais de Cunqueiro, a Trapero Pardo, Hipólito de Sa ou Tuñas Bouzón.

21 A modo de curiosidade e fazendo um parêntese neste relatório, quero –a propósito da actualidade de certos debates nos últimos meses no sistema cultural galego– fazer alusão à coluna «La Academia y las mujeres» (*Faro de Vigo*, 21.10.70: 24) em que Cunqueiro se posicionava explicitamente a favor da entrada de mulheres na Real Academia Galega –a partir dum debate paralelo existente na francesa– e chegava, inclusive, a propor duas candidatas: Victoria Armesto e Xohana Torres.

22 No epistolário entre Carvalho Calero e Fernández del Riego dá-se conta de como o processo para nomear académico correspondente a Díaz Jácome está paralisado ante a não redação do informe solicitado por parte de Cunqueiro. A solução adotada consistiu em que os próprios Carvalho e del Riego redigiram o texto que lhe correspondia para que o escritor mindoniense o assinasse (Carvalho Calero, 2006: 417-8).

cialidade do regime e um cultivador, nitidamente subsistêmico em muitos casos, de repertórios folclorizantes –especialmente repudiados polos setores defensores da autonomia do sistema galego, ao entenderem-no como reducionismo e imagem minorizante– e cujo maior exemplo está na sua «zarzuela gallega» *Non chores, Sabeliña!* (1943)23.

Certamente, uma abordagem mais completa da pretendida neste relatório deveria ter também em consideração à hora de avaliar a posição de Cunqueiro no sistema galego os numerosos confrontos que protagoniza com agentes igualmente significativos (como Seoane, Celso Emilio, os novos produtores vinculados à nova narrativa galega, etc.) e, em relação direta com isto, as críticas realizadas sobre ele com base em dous argumentos principais: o suposto evasionismo que impregna a sua produção e o colaboracionismo com o regime, questões às que regressarei em futuras investigações. Mas quero, para finalizar, incidir na principal ideia exposta neste trabalho: o funcionamento de Cunqueiro como produtor vinculado tanto ao sistema galego como ao espanhol e, polos condicionalismos que forem, o caráter ambíguo das suas tomadas de posição, assim como as consequências disto no projeto proto-sistêmico e, também, na configuração programática e declarativa dessas tomadas de posição do autor. Desde as suas possibilidades, Cunqueiro potenciará e aproveitará esta situação, incidindo, em determinados momentos, na legitimidade deste modo de atuação; sirva como prova conclusiva uma recensão, significativamente (pola ambiguidade que resulta ainda mais vincada na ocultação pseudonímica) assinada sob o nome Patricio Mor, sobre a nova edição d’*A Esmorga*, em que afirma: «Eduardo Blanco-Amor ten no seu fardelo de escritor unha obra fermosa e varia, que o acredita como un dos pirmeiros (sic) escritores

23 Sobre a eleição de Trapero Pardo para a Real Academia Galega é interessante reparar na informação recolhida novamente na correspondência entre Carvalho Calero e Fernández del Riego e que dá ideia –mediante a extrapolação das opiniões defendidas por Carvalho– do posicionamento do grupo Galaxia em relação a este feito (lembremos, tal e como indicávamos anteriormente, que este coletivo tem um projeto em andamento para esta academia de perfil mui distinto). Assim, quando Vázquez Seijas –agente também da oficialidade franquista– escreve a Carvalho para solicitar-lhe o voto para Trapero, este indica: «Pero supoño que, como temos convidado, haberá un candidato noso para entón. Como queira que sexa, eu contestéille que, habendo outros plans por parte de outros académicos, non podía comprometerme con el. Dime o que hai pola túa parte» (Carvalho Calero, 2006: 434) e, ante a proximidade da votação, informa de que não assistirá à reunião e acrescenta que qualquer um dos resultados (enfrentavam-se Morente Torres e Trapero Pardo), será mau para ele (Carvalho Calero, 2006: 481).

de hoxe, un escritor bilingüe, o que non quita ren á súa galeguidade sustancial» (Faro de Vigo, 13.9.70: 29). Defende-se, reafirma-se, não perde posição em nenhum sistema, sobrevive, legitima e/ou deslegitima, etc., tudo, na realidade, condicionado pola instabilidade e o estado de campo na altura. Talvez, é possível que, quarenta anos passados e mudadas algumas condições desse campo, na linha resiliente do projecto sistémico galego dominante, estes efeitos fiquem diluídos ou, até, deliberadamente esquecidos, no conjunto das várias estratégias em jogo e na patrimonialização de elementos fortes e úteis para os agentes envolvidos em fazerem vingar os seus programas para o sistema em que atuam.

BIBLIOGRAFIA

- ARMESTO FAGINAS, Xosé Francisco: *Cunqueiro. Unha biografía*, Vigo, Edicións Xerais de Galicia, 1987.
- BOURDIEU, Pierre: «Le Champ Littéraire: Avant-propos», *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 89 (1991), pp. 3-46.
- BOURDIEU, Pierre: *Les Règles de l'Art. Genèse et structure du champ littéraire*, Paris, Éditions du Seuil, 1992.
- CARVALHO CALERO, Ricardo: *Epistolario a Francisco Fernández del Riego*, Vigo, Galaxia, 2006.
- DE FLEUR, Melvin L. e BALL-ROKEACH, Sandra J.: *Teorías de la comunicación de masas*, Barcelona, Paidós Comunicación, 1986 [*Theories of mass communications*, New York, McKay, 1970].
- EVEN-ZOHAR, Itamar: *Papers in Culture Research*, 2005 (<http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/EZ-CR-2005.pdf>) [última consulta 14.07.2011].
- EVEN-ZOHAR, Itamar: *Polisistemas de cultura*, 2007 (http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/trabajos/polisistemas_de_cultura2007.pdf) [última consulta 14.07.2011].
- FERNÁNDEZ DEL RIEGO, FRANCISCO: *A xeración Galaxia*, Vigo, Galaxia, 1996.
- FORCADELA, Manuel: *Diálogos na néboa: Álvaro Cunqueiro e Ramón Piñeiro na xénese da literatura galega de posguerra*. Santiago de Compostela, Xunta de Galicia-Centro Ramón Piñeiro, 2005.
- LOTMAN, Iurí: «The Dynamic Model of Semiotic Systems», *Semiotics*, 21 (1977), pp. 193-210.
- LUHMANN, Niklas: *La realidad de los medios de masas*, Barcelona-México, Anthropos, 2000 [*Die Realität der Massen medien*, West Deutscher Verlag GmbH, Opladen/Wiesbaden, 1996].
- PORTEIRO, María Xosé e PEROZO, Xosé Antonio: «Álvaro Cunqueiro, testigo dun tempo», *Galicia 1950-1980, trinta anos de cultura [Publicación conmemorativa do trinta aniversario da editorial Galaxia]*, Vigo, Galaxia, 1980, p. 12.
- PIÑEIRO, Ramón e LOSADA, Basilio: *Do sentimento á conciencia de Galicia. Correspondencia (1961-1984)*, Vigo, Galaxia, 2009.
- SANTOS COBO, Manuel J.: «Biografía de Álvaro Cunqueiro», 2003, (<http://cvc.cervantes.es/actcult/cunqueiro/biografia/>) [última consulta 14.07.2011].
- SHAVIT, Zohar: «La posición ambivalente de los textos. El caso de la literatura para niños», em Iglesias Santos, Montserrat (est., introd., comp. e bibl.): *Teoría de los Polisistemas*, Madrid, Arco Libros, 1999, pp. 147-182.
- TORRES FEIJÓ, Elías J.: «Contributos sobre o obxecto de estudo e metodoloxía sistémica. Sistemas literarios e literaturas nacionais», em Abuín, Anxo e Anxo Tarrío (coords.): *Bases metodolóxicas para unha historia comparada das literaturas da Península Ibérica*, Santiago de Compostela, USC, 2004, pp. 423-444.
- VAN DIJK, Teun: *La noticia como discurso. Comprensión, estructura y producción de la información*, Barcelona, Paidós Comunicación, 1990. [*News as Discourse*, Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1988].
- VASILACHIS DE GIALDINO, Irene: *La construcción de representaciones sociales, discurso político y prensa escrita*. Barcelona, Gedisa, 1997.

RECURSOS ELETRÓNICOS (ÚLTIMA CONSULTA 14.07.2011)

- Centro Virtual Cervantes. Álvaro Cunqueiro: <http://cvc.cervantes.es/actcult/cunqueiro/default.htm>
- Real Academia Galega: www.realacademiagallega.org

CORPUS

Faro de Vigo. Vigo: Faro de Vigo, S.A.; Álvaro Cunqueiro/ Manuel Santaella (dirs.), números 40978-42909 (1968-1970). Diário (exceto segundas-feiras) [Versão escaneada: *La Hemeroteca de Faro de Vigo en CD-ROM*].